

O Surrealismo no conto “Onde Estivestes de Noite”, de Clarice Lispector

Dudlei Floriano de Oliveira e Sandra Sirangelo Maggio

The short story “Onde estivestes de noite”, by Clarice Lispector, is a surrealist work, once it contains different dream-like elements. Such can be perceived through (1) its characters, such as the androgyny being “Ele-Ela/Ela-Ele” and the multitude known as “os malditos”, who represent, during the nightly period of the narrative, behaviors that reveal human instinct (in opposition to reason); its setting, which being mostly at night time, takes the reader to the dreams universe, including disturbing dreams, such as in the description of Psiu’s apartment; (3) its time structure, since time (during the nightly period of the story) is similar to time in one’s dreams, because the notion of linearity is lost, and time seems simultaneously eternal and short; and (4) the presence of grotesque, where religion, mysticism, sexuality and profanity mingle, as if representing the way in which desire and repression work in the human being.

Keywords: Clarice Lispector; surrealism; *Onde Estivestes de Noite*.

O conto “Onde Estivestes de Noite”, de Clarice Lispector, é uma obra surrealista, uma vez que o mesmo apresenta diversos elementos oníricos. Isto pode se verificar por (1) suas personagens, como o ser andrógino “Ele-Ela/Ela-Ele” e a multidão de pessoas chamadas de “os malditos”, que apresentam, durante o período noturno do conto, comportamentos que revelam o instinto humano (em oposição à razão); (2) sua ambientação que, por se passar à noite, nos remete ao mundo dos sonhos, inclusive sonhos perturbadores, como na descrição do apartamento de Psiu; (3) sua estrutura de tempo, pois, durante o período da noite, o tempo é semelhante ao do sonho, pois se perde a noção de linearidade, e o tempo parece ser ao mesmo tempo eterno e curto; (4) a presença do grotesco, onde religião, misticismo, sexualidade e profanidade se mesclam, como que representando o modo como o desejo e a repressão agem no ser humano.

Palavras-chave: Clarice Lispector; surrealismo; *Onde Estivestes de Noite*.

*“Não acho que o sonho seja
estritamente o contrário do
pensamento [...], ele é somente
uma de suas formas mais livres”
(Pierre Reverdy)*

Dudlei Floriano de Oliveira é graduado em, Letras Português – Inglês pela FURG e está cursando o mestrado em Letras na UFRGS. E-mail: dudleioliveira@hotmail.com
Sandra Sirangelo Maggio é professora titular do Instituto de Letras da UFRGS. E-mail: maggio@cpovo.net

1 Introdução

Entende-se por surrealismo o movimento artístico que buscou criar e entender a arte a partir das experiências oníricas e psicanalíticas do ser humano. Neste artigo, busco apresentar e discutir alguns dos elementos oníricos presentes no conto “Onde Estivestes de Noite”, de Clarice Lispector, elementos esses que possibilitariam a classificação deste conto como “surrealista”, o que permitiria estudar a obra da escritora juntamente com a obra de outros escritores conhecidos por sua escrita surrealista.

2 A ambientação noturna e o aspecto onírico

A partir do título e do conto e de sua ambientação à noite, é possível dizer que o espaço para experiências oníricas já é propício desde o início do conto, já que “a noite [é] uma possibilidade excepcional”¹. É durante a noite que o ser humano sonha e tem um contato mais real com sua consciência (e inconsciência). Este contato possibilita ao ser humano conhecer mais profundamente seus desejos verdadeiros, sejam estes construtivos ou perversos, como no intertexto, dentro do conto, com Goethe: “Não há pecado que não tenhamos cometido em pensamento”².

O aspecto noturno possibilita às personagens terem em si comportamentos dionisíacos. Não apenas o comportamento, mas a simples descrição das personagens já apresenta em si uma espécie de descrição que foge à lógica racional e linear. Algumas das personagens não têm nomes próprios, mas são citadas por aquilo que realmente são e representam, tais como “o masturbador”, “judeu pobre”, “escritora falida”, “o milionário”, “a mulher velha e desganhada”, “Psiu”, entre outras. Durante a noite, essas personagens perdem suas “identidades cotidianas”, ou seja, a atribuição que lhes foi dada durante o dia pela sociedade, de forma racional. À noite, essas personagens não podem mais se esconder atrás de seus nomes e papéis sociais, mas são desnudadas e se apresentam como realmente são, como a personagem que à noite não consegue se lembrar do nome Maria Luísa, seu nome durante o dia.

Durante o período do conto que ocorre à noite, as personagens (denominadas “os malditos”) participam de um ritual que remete a uma procissão religiosa, uma vez que o objetivo de todos é a adoração de um ser andrógino chamado Ele-ela. A descrição, porém, desta personagem andrógina, e a descrição do real desejo de adoração dos malditos, não nos permite enxergar esse ritual como algo religioso, mas sim como algo profano, como descrito no segundo parágrafo do conto:

“(…) A mistura andrógina criava um ser tão terrivelmente belo, tão horrorosamente estupefaciente que os participantes não poderiam olhá-lo de uma só vez: (...) [eles] Olhavam a assustadora beleza e seu perigo. Mas eles haviam vindo exatamente para sofrer o perigo.”³

Ao longo desta procissão, eventos estranhos ocorrem, tais como o “anão” que “dava pulinhos de sapo” e “levitava”, o “cão” que “gargalhava no escuro”, e o “grosso leite preto” que esguichava dos “dos seios” das “mulheres que haviam parido recentemente”. Tais fatos ocorrem sem que haja um estranhamento por parte das personagens, pois todas estão inseridas, durante o período noturno, em um ambiente onírico surreal, que permite que tais acontecimentos se sucedam e sejam sentidos pelas personagens de forma natural.

3 O Tempo do Conto

Outro aspecto de relevância no conto para o entendimento do mesmo em relação ao seu aspecto onírico se refere às referências de tempo. Quanta à narrativa em si, não há dúvida de que o tempo é linear, por ter início à noite, com a caminhada dos malditos, e terminar pela manhã do dia seguinte, durante a celebração de uma missa. Os malditos, no entanto, durante o período noturno, perdem a noção de tempo linear, como descrito nos trechos: “E de noite se desquitavam. (...) Era uma ausência – a viagem fora do tempo”⁴; “Que horas seria? Ninguém podia viver no tempo, o tempo era indireto e por sua própria natureza sempre inalcançável.”⁵ e “(...) eles ignoravam que hoje era ontem e haveria amanhã.”⁶.

Sonhar possibilita ao ser humano viajar para “fora do tempo”. Quando sonhamos, experiências de diferentes tempos do passado se mesclam a acontecimentos ocorridos em um presente bem próximo e a expectativas que temos para o futuro. Por mais confusa que esta mistura possa parecer, ao sonharmos, aceitamos isto perfeitamente, chegando a crer que estamos vivenciando uma experiência do mundo real.

Um exemplo simples, mas factual de que eles “não podiam viver no tempo”, remete ao fato de os malditos realizarem os mais diferentes atos durante a caminhada, como a criancinha que “gargalhou chorando, misturando lágrimas de riso e de espanto.”⁷ Gargalhar e chorar são atos opostos, quase impossíveis de ser realizados simultaneamente pelo ser humano por questões biológicas. O sonho, porém, permite a sincronia de tais ações.

André Breton, em seu Manifesto Surrealista, escreveu:

“(...)“A extrema diferença de importância, que, aos olhos do observador ordinário, tem os acontecimentos de vigília e os do sono sempre me encheu de espanto. (...) Talvez o meu sonho da noite passada tenha dado prosseguimento ao da noite anterior e continue na próxima noite com rigor meritório.”⁸

A idéia de que o sonho é um fenômeno contínuo, como defendido por Breton, está bem explícito no conto “Onde Estivestes de Noite”, por meio da frase “eles ignoravam que hoje era ontem e que haveria amanhã.” Mas mais importante que esta frase, é possível, por meio de uma leitura mais cuidadosa, perceber tal sucessão de eventos. Embora o conto se passe em um espaço de tempo inferior a 24 horas, percebe-se que as personagens lidam com problemas do presente e preocupações com o futuro, como a jornalista cujo objetivo era o de ganhar fama internacional, ou do estudante que queria conhecer a palavra mais difícil da língua.

Não apenas esta preocupação das personagens remete a tal plano de tempo, mas principalmente o modo como a narração se constrói em torno destas personagens. O conto apresenta parágrafos de diferentes tamanhos, desde um com apenas cinco palavras até um que ocupa quase que uma página inteira. Em grande parte do conto, não há uma seqüência linear entre um parágrafo e outro. Em um trecho, por exemplo, encontram-se cinco parágrafos, sendo que cada um dá conta de uma personagem diferente. A narração não é feita de forma tradicional, que permite ao leitor entender o percurso de cada personagem de uma única vez. Ao invés disso, a narração é fragmentada, como se o trajeto de cada personagem fosse um rolo de filme picotado e misturado aos demais recortes de filme. Tal como em um sonho, o leitor tem a sensação de que não há uma divisão de tempo entre os diferentes acontecimentos narrados no conto, mas a impressão de que tudo ocorre ao mesmo tempo.

4 A comunhão dos malditos com Ele-ela

Os malditos tinham por objetivo a comunhão com o ser andrógino, mesmo que para isso precisassem “sofrer o perigo”. Joel Rosa de Almeida, em seu livro “A Experimentação do Grotesco em Clarice Lispector”, cita:

“A personagem Ele-ela, no conto “Onde estivestes”, esculpida como mito primordialmente denominado a partir da distanciada 3ª pessoa do singular “harmonizada” em seus dois gêneros, é a compreensão da inseparabilidade desses gêneros que se fundem, se alternam e se completam para atingirem a síntese masculino-feminina como ideal da alma humana.”⁹

Logo, pode-se concluir que a comunhão dos malditos com o ser andrógino Ele-ela os possibilitaria se comunicar com o “ideal da alma humana”. Os malditos representam seres humanos de diferentes origens que, durante a vigília noturna, buscam um encontro com sua identidade mais primordial. Durante este encontro, seus comportamentos e desejos se mostravam como realmente são em seu íntimo, sem nenhum tipo de pudor ou repressão social, pois “estavam todos soltos”. Os malditos, ao longo desta caminhada, gritam, sentem “ondas de orgasmo”, vomitam “as próprias entranhas”, querem “fruir o proibido”, espargem “pimenta em pó nos próprios órgãos genitais”, querem “sentir a força do ódio” e “se urinavam sem sentir”¹⁰. Todas estas ações são originadas no inconsciente humano, ações estas que o ser humano adulto e são não realizaria (ou não demonstraria querer realizar) sob a razão do dia, devido a convenções sociais, mesmo que tais comportamentos sejam parte de uma natureza humana mais primitiva.

O ser andrógino, que representa a essência da natureza humana de cada um, tem, então, a função de retirar a multidão de suas rotinas e levá-las ao conhecimento de seus desejos mais íntimos. Quando os malditos trocam a razão diurna pelo instinto noturno e confessam não saberem pensar, “o Ele-ela [pensa] dentro deles”¹¹. É a partir deste momento que eles começam “a sentir a si [próprios]”¹², como que mergulhando em seu próprio inconsciente, podendo finalmente sentir-se livres.

Embora isto fosse algo que a multidão buscasse, o narrador cita que haveria conseqüências quando uma pessoa não estivesse disposta a fazer tal descoberta.

“Ele-Ela contou-lhes dentro de seus cérebros – e todos ouviram-na dentro de si – o que acontecia a uma pessoa quando esta não atendia ao chamado da noite: acontecia que na cegueira da luz do dia a pessoa vivia na carne aberta e nos olhos ofuscados pelo pecado da luz – a pessoa vivia sem anestesia o terror de se estar vivo.”¹³

Atender ao “chamado da noite” pode ser interpretado como a descoberta já mencionada do ser humano por sua essência mais profunda. Essa busca permite ao ser humano escapar das regras impostas pela sociedade que o obrigam a ser alguém que de fato ele não é em sua natureza, como a já citada personagem Maria Luísa. Viver “sem anestesia o terror de se estar vivo” é a conseqüência daqueles que não se permitem viver seus desejos e instintos. Quando uma pessoa se permite atender “ao chamado da noite” e realizar suas fantasias, ela fica anestesiada durante o dia, quando precisa obedecer a determinados códigos morais e sociais. Assim, esta pessoa sobrevive o “terror de se esta

vivo”. Esta pratica permite às pessoas “escapar às coerções que recaem diariamente, insistentemente, sobre o pensamento controlado”¹⁴.

O parágrafo do conto que cita a personagem Psiu (a moça ruiva) é importante por descrever, de forma visual, a punição que era infligida a uma pessoa por “não atender ao chamado da [noite]”. Toda a descrição referente a ela mescla elementos de sonhos (ou pesadelos), fatos reais e de medos vividos por ela, que apresenta símbolos religiosos descritos de forma grotesca (a cruz verde sob o fundo vermelho, sendo que a moça é daltônica). Não se permitir conhecer a si mesma causa-lhe medo das situações mais comuns por ela vividas, como enxergar seu próprio reflexo no espelho. A partir de uma interpretação mais metafórica, pode-se deduzir que o medo que ela tinha ao se enxergar no espelho se deve ao fato de ela não conseguir suportar a idéia de se ver como a sociedade a via. Mais do que isso, por ela não querer se enxergar como realmente era e por não querer se conhecer, “sua vida era uma constante subtração de si mesma.”¹⁵

5 À guise de conclusão

As características presentes no conto aqui discutido – tempo, aspecto onírico, ambientação noturna, a representação do ser humano através dos malditos e a representação da essência humana através da personagem andrógina Ele-ela – são aspectos que possibilitam inserir este conto dentro da estética surrealista. Infelizmente, há pouca teoria que relaciona a escrita de Clarice Lispector com o surrealismo, sendo de que boa parte de sua obra poderia ser considerado como uma das maiores expressões do surrealismo no Brasil.

Espero ter conseguido, por meio deste artigo, possibilitar a discussão para uma maior investigação soibibre o assunto, visto que a riqueza da obra de Clarice é digna de figurar entre os grandes nomes do surrealismo da Europa e das Américas.

Notas

¹ LISPECTOR, Clarice. *Onde estivesstes de noite*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p. 43.

² *Ibidem*, p.46.

³ *Ibidem*, pp. 43-44.

⁴ *Ibidem*, p. 44.

⁵ *Ibidem*, p. 45.

⁶ *Ibidem*, p. 47.

⁷ *Ibidem*, p. 44-45.

⁸ BRETON. “Manifesto do surrealismo”. In: culturabrasil.org/zip/breton.pdf, acesso em 14 de abril de 2010.

⁹ ALMEIDA, Joel da Rosa de. *A experimentação do grotesco em Clarice Lispector*. São Paulo: Nankin Editorail: Editora da Universidade de São Paulo, 2004. p. 56.

¹⁰ LISPECTOR, Clarice. *Onde estivesstes de noite*. Op. cit. pp. 46-47.

¹¹ *Ibidem*, p. 44-45.

¹² *Ibidem*, p. 45.

¹³ *Ibidem*, p. 48.

¹⁴ AZEVEDO, Érika Pinto de. *André Breton e os primórdios do surrealismo*. Revista Contingentia, vol. 3, nº 2, novembro 2008, p. 283.

¹⁵ LISPECTOR, Clarice. *Onde estivesstes de noite*. Op. cit. p. 50.